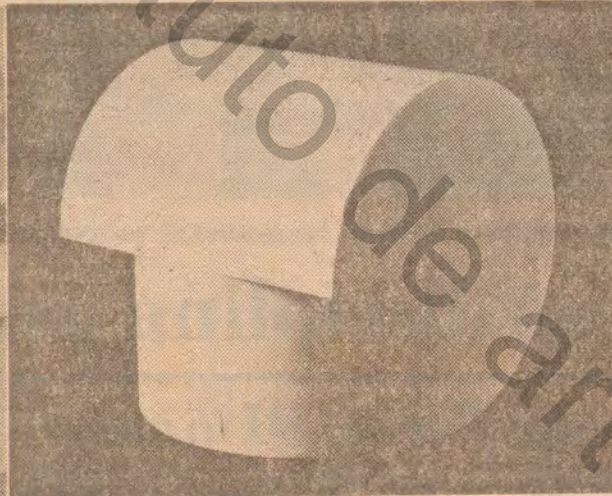


A representação brasileira na próxima Bienal de Veneza se restringirá a apenas dois artistas. Sem demérito ao trabalho de Sérgio Camargo ou de Tunga, o País poderia enviar número maior de artistas plásticos. Mas o governo brasileiro alega que existem problemas de "contenção de despesas". Assim, apenas uma pequena parcela de nossa arte, ainda que de qualidade, poderá ser vista na Bienal.



Sérgio Camargo e Tunga serão os únicos brasileiros presentes à Bienal de Veneza

Arte de Camargo e Tunga em Veneza

SHEILA LEIRNER

Menos do que a sexta parte do prêmio oficial que apenas um jogador da Seleção brasileira de futebol poderá ganhar na Copa do Mundo, seria o suficiente para que o Hamaraty tivesse enviado este ano — com os mesmos critérios e procedimentos de sempre, e por sua própria conta — a representação artística completa do Brasil à Bienal de Veneza.

Na falta de verbas governamentais, que para a Cultura sempre parecem ser consideradas "supérfluas", e com o esforço de algumas pessoas interessadas tanto em assegurar à Bienal de São Paulo contra algum eventual boicote ou restrição futuros, quanto em promover artistas do avançado grupinho intelectual carioca, foi encontrada, por meio do Inap, uma saída estratégica que brindou Sérgio Camargo e Tunga com a mostra veneziana. O primeiro, afinal, já estava com seus pesados mármores negros e brancos em exposição na Europa. O segundo, se é que não estava, pelo menos trabalha com materiais leves, de fácil transporte.

Não que eles não possuam o mérito de representar o nosso país numa manifestação deste porte. Muito ao contrário, tanto um como o outro tem uma importância bem definida dentro de suas gerações específicas e no contexto mais amplo da arte brasileira. Contudo, a improvisação e intencionalidade com que foram escolhidos é principalmente o que gera a desagradável perplexidade que paira no ar. Sérgio Camargo, o mentor político e

intelectual das rodas evoluídas de São Paulo e Rio, polariza críticos, marchands e sobretudo artistas. É o ponto de contato entre essa geração contemporânea e a experiência moderna europeia que ele viveu, mas ela não conheceu (Brancusi, Arp, Vantongerloo, etc.). Um mito, enfim. Por isso, talvez, a sua obra, apesar de seguir um processo formalista tradicional parece encontrar uma surpreendente aceitação entre os que defendem conceitos mais contemporâneos de arte.

Os trabalhos apresentados em Veneza ainda não são conhecidos do público, mas se adivinha que eles se inserem na mesma materialidade e plasticismo que a sua obra sempre perseguiu. Embora — diante das novas gerações, e talvez com medo de decepcioná-las — esta obra enfatize, pretenciosamente, um lado imaterial, conceitual, de raciocínio mais intrincado, que as suas elaborações formais, numa ilusão, também podem sugerir.

Honestamente, sem preconceitos, a escultura de Sérgio Camargo deve reconhecer-se como é: construtiva, deliberadamente bela, autocontenedida, de "pedestal" mesmo; e o seu mármore — precioso — está ali para funcionar de forma essencial e não como suporte ocasional. Um material que, sem dúvida, é o gerador básico dos elementos plásticos da materialidade formalista que tão fortemente marcou os contemporâneos modernos do artista, mas que já anda bem atrás do minimalismo.

A arte de Sérgio Camargo é monu-

mental, porém privada; hierática, mas interpretativa; construtiva, porém não manual; e é muito difícil acreditar que o fundamental para o artista seja, como ele afirma, "a energia direcional e a vivência, e não a massa ou a proporção para criar uma forma bonita".

Ao contrário da obra de Sérgio Camargo, o trabalho de Antonio Carlos Barros Carvalho e Mello Mourão, mais conhecido como Tunga, realmente nega a experiência escultórica. Se os trabalhos inéditos em feltro branco que apresenta em Veneza estiverem dentro do que ele mostrou em julho do ano passado, pode-se adiantar que eles são uma espécie de colagem prazerosa de artefatos que enfatizam um resultado plástico de "representação", muitas vezes em prejuízo da explicitação da experiência gestual primária (ou seja, não radicalizam a negação da tradição escultórica), mas tem um enorme interesse sensorial e intelectual.

Este interesse reside sobretudo na ambivalência, fator essencial em seus trabalhos. Não a ambivalência da discussão que a alegoria geralmente provoca entre a "aparência" e a "realidade", (no caso, dos seus engenhos que fabricam fenômenos físicos como luz ou calor e que não têm lugar em nossa lógica cotidiana). Trata-se da ambivalência que está no lado psíquico e físico da obra. Pois o trabalho de Tunga é, em síntese, simultaneamente um estado de mente e um estado de fato. Envolve forças físicas que possuem incontestáveis e enriquecedores correlativos psíquicos.